



INCLUSÃO ESCOLAR: CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Elizabeth Regina Streisky de Farias ¹
Genoveva Ribas Claro ²

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com deficiência no ensino comum, tem sido alvo de discussões e polêmicas entre pesquisadores, professores e familiares, que buscam uma melhor qualidade no ensino oferecido para esta parcela da população. Os objetivos desta pesquisa foram analisar práticas de gestão e práticas docentes de sujeitos de duas escolas públicas municipais do município de Paranaguá, analisar os documentos legais norteadores das escolas que embasam o trabalho do professor, observar o cotidiano na busca de elementos que identifiquem aspectos inclusivos ou excludentes no espaço escolar, identificar as concepções de gestores e docentes sobre a inclusão de alunos com deficiência na escola.

Optou-se pela pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica, sendo utilizados a análise documental e a pesquisa de campo. Quanto à análise documental, serão verificados os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas pesquisadas. Já a pesquisa de campo utilizou como instrumentos a observação em aulas de professoras das classes de alfabetização e da Sala de Recursos Multifuncionais, observação e entrevistas semiestruturadas com gestoras e professoras. A pesquisa seguiu três etapas, sendo a primeira etapa a pesquisa documental, bem como a pesquisa bibliográfica a respeito da temática, na segunda etapa foram feitas as observações das salas de aula comum e Sala de Recursos Multifuncionais. Na terceira etapa, foram feitas as entrevistas semiestruturadas com os professores participantes da pesquisa, na busca da identificação das concepções dos gestores e docentes sobre a inclusão de alunos com deficiência no ensino comum. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Para fundamentar tal pesquisa utilizou-se da abordagem histórico-cultural, tendo como autores de referência: Vygotsky (1988, 1991), Leontiev (1978), bem como de outros autores que abordam a aprendizagem de alunos com deficiência. A análise da coleta de dados indicou que ainda que os professores estejam familiarizados com a questão da inclusão, apresentam poucas práticas efetivamente inclusivas, privilegiando um ensino frontal e avaliação classificatória. Quanto aos

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, professora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus Paranaguá.

² Doutora em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professora do Centro Universitário Uninter. E-mail: genoveva.c@uninter.com.br.

gestores, embora tenham uma concepção clara do que é inclusão e quais seus pressupostos, não organizam os tempos e espaços escolares de modo a contemplar a articulação necessária entre professores das salas comuns e Sala de recursos multifuncionais, bem como, não criam estratégias para tornar a escola mais inclusiva e acolhedora.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A construção desta pesquisa, buscou encontrar alicerce na investigação, clarificando a opção metodológica, detalhando os procedimentos de coleta de dados e os sujeitos participantes da pesquisa. Esta pesquisa optou por um caráter qualitativo, com abordagem etnográfica. Para Bogdan e Biklen (1994), este tipo de pesquisa privilegia a compreensão das práticas sociais a partir da perspectiva dos próprios sujeitos investigados, em seu contexto particular.

A escolha desta abordagem, diz respeito ao desejo em se ter um suporte metodológico que contribuísse na compreensão das práticas sociais, bem como por ser uma abordagem que considera o mergulho no campo de pesquisa, sem, contudo, fazer parte efetivamente deste universo.

Desta forma, esta abordagem atendeu aos objetivos da pesquisa, já que abrange todos os aspectos a serem investigados. Nesta pesquisa, a etnografia não é concebida apenas como uma técnica, mas, como uma opção, teórico-metodológica, no sentido de que uma teoria vai dar significado ao método, a teoria histórico-cultural de Vygotsky (1991), importante na análise do processo de ensino e aprendizagem nas escolas pesquisadas.

Assim, os dados coletados, bem como sua análise, são entendidos como práticas coletivas produzidas historicamente por sujeitos concretos em um processo de interação. Foram utilizados instrumentos que pretendem atender ao caráter qualitativo da pesquisa, como: a observação, a pesquisa documental e a entrevista.

Quanto à observação, na perspectiva da pesquisa etnográfica, é inerentemente crítica, ou seja, o observador participante tenta ser, simultaneamente, um estranho e um familiar no ambiente de campo.

Quanto à pesquisa documental foi escolhida por representar necessária fonte para compreensão das relações estabelecidas na escola e do contexto educacional mais amplo. No contexto desta pesquisa, a análise dos documentos norteadores das escolas pesquisadas mostra-se relevante no sentido de compreensão dos elementos textuais que indiquem a concepção que fundamenta a prática escolar.

A entrevista é outro instrumento importante de coleta de dados em etnografia, pois fornece perspectivas dos participantes, não evidenciadas na observação. A opção por esse instrumento, neste estudo, diz respeito à análise da possível opção metodológica que norteia a prática pedagógica dos professores, como também verificar a concepção dos professores quanto à inclusão.

Quanto aos aspectos éticos, o projeto de pesquisa foi submetido à avaliação da Comissão de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), respeitando as prerrogativas da Resolução CNS 466 que versa sobre a ética em pesquisas com seres humanos. Os sujeitos participantes desta pesquisa, receberam as informações pertinentes ao projeto, como: objetivos, procedimentos de coleta de dados, tempo de duração, resguardo da privacidade dos participantes e utilização dos dados para fins científicos, sendo assim, convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos entraves para a consolidação da inclusão, é a falta de suporte, o que envolve investimentos financeiros e pedagógicos, portanto, o desafio das escolas que recebem alunos com deficiência, é avançar para além da integração, promovendo a inclusão, acreditando que o planejamento docente e a organização da escola, levem em consideração a realidade do aluno com deficiência e utilizem metodologias variadas que tenham como pressuposto o respeito à singularidade de cada aluno.

O modelo de suporte se propõe a inclusão, indicando várias medidas que buscavam incluir os indivíduos com deficiência, que não se restringiam a avaliar e capacitar, mas pautavam-se por atitudes de respeito, dignidade e justiça, na busca da superação da visão do indivíduo isolado (MANTOAN, 2003).

Compreende-se que, as Salas de Recursos Multifuncionais, representam um suporte no qual os alunos confiam. Perguntam quando tem dúvida, pedem para realizar as atividades de que gostam, enfim, sentem-se à vontade. No entanto, a existência de tais salas só tem significado se o trabalho for realizado em articulação com as salas de aula comum, pois somente desta forma haverá avanços significativos para os alunos e não haverá a segregação de alunos com deficiência em ambientes separados.

Nesta perspectiva, os suportes são oferecidos no âmbito social, econômico, físico e instrumental, para assegurar a inclusão. Há muito que ser feito na efetivação desses princípios, considerados que muitos precisam ser superados para que se atinja o proposto.

É necessário considerar a inclusão como princípio educativo, contribuindo na construção de uma escola mais inclusiva, que produzirá uma sociedade mais igualitária. Nesta perspectiva, uma escola inclusiva, não beneficia os alunos com deficiência, mas a todos os alunos. Acredita-se que quando a escola objetiva a diminuição dos entraves à aprendizagem dos alunos com deficiência, contribui também para a aprendizagem de todos os alunos. Assim, a escola deve se tornar um lugar de estímulo, no qual toda a comunidade escolar sinta-se acolhida.

A abordagem histórico-cultural de Vygotsky (1991), contribui na compreensão da educação inclusiva, já que compreende o aspecto cognitivo determinado histórica e culturalmente.

Segundo Freitas (2000), os estudos de Vygotsky, buscam compreender como os fatores sociais modificam a mente, entendendo o homem como ser histórico e social, resultado das relações sociais estabelecidas. Sendo assim, para Vygotsky (1991), o desenvolvimento humano é resultado de organização mental, que movimenta vários processos, que envolvem o que o indivíduo consegue realizar sem ajuda e o que ele precisa de mediação, mas que tem potencial para resolver sozinho. Esta mediação, no ambiente escolar, é realizada pelo professor, que reconhece em seu aluno um sujeito aprendente.

Assim, compreende-se que todo indivíduo é capaz de aprender, desde que tenha os suportes necessários e que sejam respeitados o seu ritmo e modos de aprender.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise realizada nesta pesquisa aponta que os professores consideram sua formação inicial insuficiente para o trabalho com a inclusão nas escolas, sendo que eles apontam alguns conhecimentos que julgam relevantes para a sua formação. Como: ter conhecimento específico sobre as áreas de deficiência, conhecer teorias de aprendizagem e conhecer a legislação, conhecer e compreender a importância dos pressupostos da educação inclusiva, uso das tecnologias para o ensino. Estes conhecimentos, sugerem, poderiam fazer parte das ementas das disciplinas dos cursos de formação de professores. Porém, sabe-se que os cursos de formação de professores contemplam poucas disciplinas voltadas à inclusão.

Outro entrave apontado pelos professores, para a inclusão, diz respeito ao currículo que é trabalhado superficialmente, não garantindo o avanço na aprendizagem. Ainda quanto ao

currículo, os professores apontam que ele não é flexibilizado para o aluno com deficiência, o que impõe uma lógica cartesiana a ele.

A avaliação foi apontada como um dos entraves da escola inclusiva, já que é aplicada da mesma forma para todos os alunos, não considerando a singularidade das pessoas com deficiência.

As avaliações têm, portanto, contribuído para o processo de exclusão, na medida em que não consideram o aluno como sujeito da aprendizagem.

A pesquisa identificou também que, quando o professor acredita no potencial do aluno, sua prática é influenciada, com vistas ao desenvolvimento do aluno. Também foi possível identificar que o professor se sente inseguro sobre como trabalhar com os alunos com deficiência, gerando desestabilidade na sua identidade docente, já que desconhecem ou tem dificuldades de utilizar metodologias diversificadas para que todos os alunos aprendam.

É possível assegurar que ações isoladas de professores, bem como o trabalho realizado na Sala de Recursos Multifuncionais, têm contribuído para o avanço na aprendizagem dos alunos, porém, a inclusão ainda não se concretizou do ponto de vista da coletividade. Há ainda várias barreiras a serem rompidas, como: a barreira atitudinal de alguns profissionais da escola, a falta de articulação entre o ensino comum e a Sala de Recursos Multifuncionais. Porém, a crença na possibilidade da aprendizagem dos alunos por parte de alguns professores, nos indicam uma possibilidade real da construção de uma escola inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da educação como direito e da interpretação da Educação Especial, nos diversos contextos históricos, foram às reflexões iniciais deste trabalho. E contribuíram para a compreensão da lógica com a qual a escola trabalha com os alunos com deficiência.

Ressalta-se que, a organização das escolas pesquisadas, denuncia a exclusão, que é percebida em vários aspectos. No que diz respeito ao espaço físico, esse não possui nenhum elemento que indique um cuidado com os alunos com deficiência: não há rampas para cadeirantes, pista tátil ou materiais específicos para alunos surdos. É possível afirmar que, isto se deve ao fato de o poder público prever as mudanças a partir das necessidades que surgem, muitas vezes atendendo precariamente. Na construção da escola inclusiva, o trabalho antecede a chegada do aluno com deficiência, mas está preparada para todos os alunos que dela podem se beneficiar.

Embora a organização da escola não indique uma intencionalidade de rompimento de práticas em que predominam o ensino frontal e conteudista, alguns professores, desenvolvem práticas inclusivas, garantindo o acesso ao currículo e ao aprendizado de todos os alunos.



A pesquisa revelou as contradições e as possibilidades encontradas pelos professores das escolas pesquisadas, para garantir o acesso de todos os alunos, porém, considera-se relevante a ampliação do debate, para as questões pedagógicas, de forma que não só o acesso seja assegurado, mas também a permanência com sucesso de todos os alunos.

Sendo assim, é importante a criação de uma rede de apoio que possibilite as interações sociais e educacionais, promovendo o desenvolvimento. Sem um trabalho coletivo e investimentos necessário, a inclusão não acontecerá efetivamente, mas apenas vai mascarar a exclusão, que é mais perversa que a segregação, já que gera na pessoa com deficiência, o sentimento de incapacidade e de não pertencimento.

Palavras-chave:

Inclusão, Escolarização de pessoas com deficiência, Cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora. Porto/Portugal, 1994.

FREITAS, M.T. **As apropriações do pensamento de Vygotsky no Brasil**: um tema em debate. Psicologia da Educação, PUC/SP. No.10,11, p.9-28, 2000.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.